



CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE PREVENÇÃO DO  
CÂNCER DE COLO UTERINO

*KNOWLEDGE, ATTITUDES AND PRACTICE OF UNIVERSITY STUDENTS ABOUT THE  
PREVENTION OF UTERINE CERVICAL CANCER*

Renata Martins da Silva Pereira<sup>1</sup>, João Vitor Jaconi Conceição<sup>2</sup>, Sabrina Alves Queiroz<sup>3</sup>, Severina Rodrigues da Silva<sup>4</sup>, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira<sup>5</sup>

Submetido em: 06/06/2021

e26404

Aprovado em: 27/06/2021

**RESUMO**

Este estudo teve o objetivo de avaliar conhecimentos, atitudes e práticas de jovens universitárias sobre a prevenção do câncer de colo uterino. Trata-se de um estudo transversal, descritivo utilizando a metodologia de inquérito do tipo CAP (conhecimentos, atitudes e prática). O instrumento de coleta de dados foi um formulário do *Google forms*. Participaram do estudo 105 estudantes universitárias dos cursos de Design, Direito, e das Engenharias: ambiental, civil, elétrica, mecânica e de produção. A maioria das acadêmicas têm conhecimento sobre o exame preventivo, a influência do Papilomavírus Humano (HPV) no desenvolvimento do câncer de colo uterino e tinham ciência da prevenção da doença através da imunização. Em relação as atitudes frente a prevenção do câncer de colo uterino, ficou evidenciado que 12% das participantes procuram um profissional de saúde quando sentem algum sintoma, 57% procuram com periodicidade de 1 ano, e 31% nunca fizeram o preventivo. Sobre a prática referente ao tratamento realizado após o preventivo quando necessário, 47% das universitárias nunca precisaram fazer tratamento a partir do resultado, 37% responderam que não realizaram o tratamento e 16% realizaram algum tratamento. 28% das universitárias afirmaram que fizeram o tratamento completo e 72% não fizeram o tratamento completo. Conclui-se que no ambiente universitário, é mister tornar prática cotidiana a orientação sobre cuidados preventivos, pois representa-se por um público jovem com vida sexual ativa, tornando-se necessária a educação em saúde da mulher para a melhoria dos níveis de conhecimentos, atitudes e práticas em relação à prevenção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento. Câncer de colo uterino. Ensino superior. Prevenção.

**ABSTRACT**

*This study aimed to assess the knowledge, attitudes and practices of young university students about the prevention of cervical cancer. This is a cross-sectional, descriptive study using the CAP-type survey methodology (knowledge, attitudes and practice). The data collection instrument was a Google forms form. 105 university students from Design, Law, and Engineering courses participated in the study: environmental, civil, electrical, mechanical and production. Most academics are aware of the preventive examination, the influence of the human papillomavirus (HPV) in the development of cervical cancer and were aware of the prevention of the disease through immunization. Regarding attitudes towards the prevention of cervical cancer, it was evidenced that 12% of the participants seek a health professional when they experience any symptoms, 57% seek it every 1 year, and 31% have*

<sup>1</sup> Doutora em ciências. Docente do curso de Enfermagem do UniFOA e da Faculdade de Enfermagem da UERJ.

<sup>2</sup> Acadêmico de Enfermagem do UniFOA – Centro Universitário de Volta Redonda.

<sup>3</sup> Acadêmica de Enfermagem do UniFOA – Centro Universitário de Volta Redonda.

<sup>4</sup> Acadêmica de Enfermagem do UniFOA – Centro Universitário de Volta Redonda.

<sup>5</sup> Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e Meio Ambiente. Docente do Curso de Enfermagem do UniFOA.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

*never taken the preventive. About the practice regarding the treatment performed after the preventive when necessary, 47% of the university students never needed to undergo treatment based on the result, 37% answered that they did not undergo treatment and 16% underwent any treatment. 28% of university students said they had completed the full treatment and 72% did not complete the treatment. It is concluded that in the university environment, it is essential to make the guidance on preventive care a daily practice, as it is represented by a young public with an active sexual life, making education in women's health necessary to improve the levels of knowledge, attitudes and practices in relation to prevention.*

**KEYWORDS:** *Knowledge. Cervical cancer. University education. Prevention.*

### INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é o conhecimento, atitude e prática de jovens universitárias em relação a prevenção do câncer de colo uterino (CCU).

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer do colo uterino se caracteriza pela replicação desordenada do epitélio de revestimento do órgão, comprometendo o tecido subjacente (estroma) e, conseqüentemente, ocorre-se a possibilidade de invadir estruturas e órgãos contíguos ou à distância. Há duas principais categorias de carcinomas invasores do colo uterino, o que depende da origem do epitélio comprometido: o carcinoma epidermóide, tipo mais incidente e que acomete o epitélio escamoso (representa cerca de 90% dos casos), e o adenocarcinoma, tipo mais raro e que acomete o epitélio glandular (cerca de 10% dos casos)<sup>1;2</sup>.

Logo, representa-se por uma doença de desenvolvimento lento, que pode cursar sem sintomas em fase inicial e evoluir para quadros difíceis, como o de sangramento vaginal intermitente ou após a relação sexual, secreção vaginal anormal e dor abdominal associada com queixas urinárias ou intestinais, nos casos mais avançados. O câncer do colo uterino é raro em mulheres de até 30 anos e, o pico de sua incidência, dá-se na faixa etária de 45 a 50 anos<sup>1;2</sup>.

Excetuando-se o câncer de pele não melanoma, é o terceiro tumor maligno mais frequente na população feminina (atrás do câncer de mama e do colorretal), e a quarta causa de morte de mulheres por câncer no Brasil. Estimou-se 16.590 novos casos em 2020 e um número de mortes de 6.596 no ano de 2019<sup>1</sup>.

Nesse contexto, torna-se indispensável a implementação de políticas públicas na atenção básica de saúde (ABS), visando promover ações de prevenção, detecção precoce e tratamento do câncer do colo uterino. A atuação do enfermeiro na ABS, torna-se primordial para dispensar uma atenção de cuidado que privilegie a saúde da mulher como um todo. A consulta de enfermagem amplia as ações, e possibilita a mulher a discutir sua vivência e prevenir-se por meio do autocuidado consciente e voltado para corresponsabilização com o serviço de saúde<sup>3</sup>.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

Outra estratégia de controle do CCU é a vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV). A faixa etária para o sistema de vacinação foi escolhida por apresentar benefícios, pois, neste período, há uma grande produção de anticorpos, devido a menor exposição ao vírus através das relações sexuais. Logo o sistema vacinal foi ampliado, propiciando vacinas para meninos de 11 a 14 anos de idade<sup>4</sup>.

Atualmente são diversos os fatores de risco que podem levar ao CCU, como por exemplo: o início precoce da atividade sexual, envolvimento sexual com vários parceiros, multiparidade, infecções sexualmente transmissíveis, incluindo a infecção causada pelo HPV, AIDS, doenças como diabetes, lúpus, imunossupressão, tabagismo, entre outros. E, a prevenção primária, está intimamente ligada à redução da exposição a esses fatores<sup>5</sup>.

Estudo realizado em Portugal, revelou um nível pouco elevado de conhecimento sobre o câncer do colo do útero entre jovens universitárias. Observaram-se níveis elevados de autoeficácia e níveis baixos nos custos emocionais percebidos associados à realização dos comportamentos de prevenção do câncer do colo do útero. Os resultados indicam ainda que, embora a intenção de realizar o exame seja elevada, a sua realização efetiva é bastante baixa: cerca de dois terços das participantes não realizaram o exame de Papanicolau, ao passo que o preservativo não era usado por cerca de 20% das participantes com vida sexual ativa<sup>6</sup>.

Existem inúmeras barreiras que estão contribuindo para a diminuição do rastreio do CCU, como: o horário de abertura das clínicas que realizam o exame de prevenção (Papanicolau ou preventivo), medo do resultado ou tratamento, medo de realizar o exame por achar incômodo, entre outras barreiras que podem levar a mulher a não realização do exame<sup>6</sup>.

O estudo justifica-se aos altos índices de câncer de colo uterino no Brasil, portanto houve o interesse em buscar os conhecimentos, atitudes e práticas de jovens universitárias que não sejam da área da saúde acerca do assunto.

Espera-se que os dados ora apresentados possam trazer benefícios quanto a informação, sobre a prática de prevenção do câncer de colo uterino, considerando as realidades de jovens que já estão no ensino superior e podem ainda, disseminar tais informações frente aos seus pares. Sendo assim, um estudo que trata de CAP de prevenção de universitárias das áreas de humanas e exatas em um centro universitário, torna-se relevante.

Acredita-se na importância do autocuidado para o controle e prevenção CCU entre mulheres jovens, desta forma buscou-se apreender os conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias sobre o tema. Torna-se imprescindível o olhar da equipe de saúde com vistas a ensinar e ajudar jovens no processo de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, do câncer de colo uterino e na vivência de sua sexualidade de forma saudável<sup>7</sup>.

Frente as discussões acima, questiona-se: Quais conhecimentos, atitudes e práticas estudantes universitárias de cursos que não são da área de saúde, apresentam sobre a prevenção do câncer de colo uterino?

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar conhecimentos, atitudes e práticas de jovens universitárias sobre a prevenção do câncer de colo uterino.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

### METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e que utiliza a metodologia de inquérito do tipo CAP (Conhecimento, Atitude e Prática), visando avaliar o nível de conhecimentos, atitudes e práticas de uma população sobre determinado assunto.

A utilização de inquéritos do tipo CAP é bastante difundida nos âmbitos nacional e internacional, consistindo em um conjunto de questões para mensurar o que um grupo sabe e pensa sobre determinada situação/problema e como atua-se nele.

A população do estudo, compôs-se por estudantes do sexo feminino de um Centro Universitário em um município no interior do estado do Rio de Janeiro. O Centro Universitário conta com cursos da área de saúde, humanas e exatas. Existem seis Campus distribuídos pelo município; porém, para este estudo, realizou-se o recorte apenas de estudantes dos cursos de humanas e exatas do Campus Três Poços.

A amostra definiu-se de forma não-probabilística por julgamento. Foram selecionadas alunas de cursos que não são da área de saúde. A pesquisa obteve 105 estudantes como participantes, dos cursos de Design, Direito, e das Engenharias: ambiental, civil, elétrica, mecânica e de produção. Os critérios de inclusão, denominaram-se como: estudantes maiores de 18 anos de variados períodos dos cursos pesquisados. Excluiu-se aquelas que após a apresentação da natureza e os objetivos da pesquisa não aceitaram participar.

O instrumento de coleta de dados foi um formulário elaborado pelos pesquisadores, tendo como base outros estudos que apresentam objetivos semelhantes. O formulário foi feito no Google Forms, contou com perguntas fechadas. E ainda apresentou o termo de consentimento livre e esclarecido como critério obrigatório para conclusão e contabilização do mesmo.

O formulário foi enviado por e-mail ou redes sociais às possíveis participantes, de modo que se explicou a natureza da pesquisa, seu caráter anônimo e que as perguntas poderiam deixar de ser respondidas a qualquer momento pelas participantes.

O formulário contou com perguntas de múltipla escolha, contendo três seções: conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias sobre a prevenção do câncer de colo uterino.

A análise de dados foi feita por estatística descritiva e às respostas às questões abertas foram agrupadas por similaridade.

O estudo seguiu os preceitos éticos descritos na resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde- CNS, a qual regulamenta os aspectos legais para Pesquisas com Seres Humanos, sendo aprovado sob o número de parecer 4.013.372.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 105 universitárias, sendo 71.42% respostas de alunas do curso de direito, 8.57% de Eng. Ambiental, 6.66% e Eng. produção, 0,95% de Eng. civil, 9.52% de Eng. elétrica e



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

2.85% Eng. Mecânica. Em relação ao período cursado pelas participantes, a maioria estava no 3º período, totalizando 17,4%, seguido do 6º período 10,47% e 10º período 10,47%.

A média de idade das participantes era de 25,3 anos. Se comparado com um estudo similar a esse realizado no vale do Paraíba, aplicou-se um questionário de múltipla escolha, com questões mistas e respostas livres para universitárias do curso de graduação em enfermagem de uma IES do interior paulista. Obtiveram 149 respostas, nas quais encontrou-se uma faixa etária de idade das entrevistas similar ao presente artigo. Sendo 30,20% alunas de 18 a 21 anos, 28,86% de 22 a 26 anos, 22,15% alunas de 27 a 31 anos, 10,74% alunas 32 a 36 anos, 6,71% de 37 a 41 anos, 0,67% de 42 a 46 anos, 0,67% de 47 a 51 anos<sup>10</sup>.

Em relação ao período cursado pelas participantes, 11,42% alunos do 1º período, 4,76% do 2º período, 17,14% do 3º Período, 6,66% do 4º período, 9,52% do 5º período, 10,47% do 6º período, 14,28 do 7º período, 6,66% do 8º período, 8,57% do 9º período, 10,47% alunos do 10º Período. O que demonstra, portanto, uma distribuição variada das fases de formação das participantes, assim como suas idades e prováveis experiências com a prevenção do CCU.

No que tange o questionamento acerca do conhecimento sobre o exame preventivo, 25,71% das alunas desconheciam a finalidade do exame e 28% afirmaram ter conhecimento do objetivo do exame. Com relação ao que elas sabiam sobre o exame, 90,1% julgaram ser incômodo e 9,9% ser dolorido.

Quando questionadas sobre quem deve realizar o exame, 90,5% responderam que seriam mulheres que tenham iniciado a vida sexual como prevenção do câncer e 9,5% que fossem todas as mulheres com queixas ginecológicas.

Percebe-se que ainda há mulheres jovens que não conhecem o exame e, provavelmente não vivenciaram a prevenção do CCU através do exame de Papanicolau. Outro estudo desenvolvido em São Paulo com estudantes de graduação em enfermagem, aponta resultados similares a este, o qual entrevistou-se 123 alunas, e acarretou-se 95,1% respostas firmando ter o conhecimento prévio do exame e 4,9% alunas relatam não conhecer o exame<sup>11</sup>.

Desta forma, torna-se necessário que os enfermeiros trabalhem as questões de educação em saúde para todos os públicos, não somente aos frequentadores das unidades de saúde, mas que também as informações possam ser disseminadas em outros espaços, assim como nos espaços de formação, desde o ensino médio até o ensino superior<sup>11</sup>.

O questionário contava com uma questão aberta para conhecer o que as estudantes sabiam sobre o exame preventivo, o que expôs nas respostas ligadas à sua real função de detecção de sinais precursores do câncer de colo uterino ao caráter preventivo do exame, como observa-se nos trechos abaixo:

*Para saber se tem os primeiros sinais de desenvolvimento de câncer no colo uterino ou doenças sexualmente transmissíveis já que o exame é só para mulheres que possui a vida sexual ativa.(P1)*

*Exame preventivo para analisar fluidos do colo uterino para detectar existência de câncer no colo uterino, hpv e também detecta dst.(P2)*



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

*Prevenção ao câncer de colo uterino. (P3)*

Em maio de 2014, lançado pelo Ministério da Saúde (MS), a Política de Atenção a Saúde da Mulher, teve como um dos objetivos fortalecer a prevenção de câncer de colo de útero com ações educativas em saúde e a resalta da importância de realizar exames de rastreamento. Com isso, a diligência do enfermeiro na prevenção de câncer uterino é essencial e, através da prevenção primária e secundária, realizam-se ações que objetivam o controle de câncer cervical atuando na promoção, prevenção, rastreamento, detecção precoce, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos<sup>12</sup>.

Já, nas falas abaixo, destacam-se as questões preventivas ligadas ao exame e a necessidade de periodicidade na realização deste-

*É um exame de rastreamento para detectar doenças sexualmente transmissíveis ou câncer de colo uterino. (P1)*

*Ele serve para detectar alterações na parede uterina e a presença de fungos, bactérias e vírus. (P2)*

*Procurar alterações e doenças no colo uterino em mulheres que já tiveram sua primeira atividade sexual. (P3)*

De acordo com o Ministério da Saúde, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, o que podem-se ser transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada<sup>13</sup>.

Houve, ainda, participantes que citaram o diagnóstico da infecção por HPV no exame preventivo, além de lesões e alterações no tecido uterino, como observa-se no trecho abaixo:

*Para encontrar cedo lesões ou alterações do tecido uterino que indiquem a presença do HPV.*

As lesões causadas pelo HPV podem ser apresentadas como verrugas vistas aos olhos nus, conhecida popularmente como “crista de galo”; entretanto, podem ser encontradas as subclínicas, que não são vistas aos olhos nus. Esse caso, recebe o nome de intraepiteliais e apresentam nenhum sintoma ou sinal. A infecção pelo HPV está associada principalmente ao desenvolvimento de lesões benignas e malignas da área anogenital masculina e feminina. Todavia, esta infecção pode ter uma localização extragenital, como olhos, laringe e trato aerodigestivo<sup>14:133</sup>.

Segundo o protocolo do Ministério da Saúde, o rastreamento deve ser realizado a partir dos 25 anos em todas as mulheres após iniciarem a atividade sexual, a cada três anos, se os dois primeiros exames anuais forem normais. Os exames devem seguir até 64 anos de idade<sup>15</sup>.

Conhecer as indicações de acordo com a faixa etária e as condições clínicas demonstra-se importante para qualificar o cuidado e evitar o rastreamento em mulheres fora do preconizado e da periodicidade recomendada, evitando intervenções desnecessárias.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

Sobre o conhecimento das universitárias sobre a sigla do HPV. Ao realizar a análise, obteve-se as seguintes respostas: 59% das universitárias dizem conhecer a sigla, e 41% dizem não conhecer. Em um estudo similar feito com 105 estudantes universitárias da UNIP em 2013, sendo 45% universitárias da área da saúde e 55% de outros cursos, o resultado apresentou que 43 alunas no total não sabiam o que significavam a sigla HPV, sendo 14% da área da saúde e 86% de outros cursos<sup>16,17</sup>.

Percebe-se que existe déficit de conhecimentos das participantes sobre a relação do HPV com o risco de desenvolver o câncer do colo uterino. Em um estudo similar feito com 105 estudantes da UNIP em 2013, tendo como participantes 45% universitárias da área da saúde e 55% de outros cursos, o resultado deu-se que 33 alunas no total não sabiam da relação entre ser portadora do HPV e o risco aumentado de desenvolver o câncer do colo uterino, sendo 14% da área da saúde e 86% de outros cursos<sup>17</sup>.

Foi apresentada uma questão relacionada ao contágio por HPV, onde apresentam-se as formas de contágio pelo HPV na perspectiva das participantes. A pergunta disponibilizava três tipos de opções, são elas: via sexual, via sanguínea e contato com lesões. Os resultados apontaram que 79% das universitárias acreditam que a transmissão seja por via sexual, 8% presumem que o contágio seja pela via sanguínea, e 14 13% supõem que seja pelo contato de lesões.

Em um estudo similar concluído com 73 universitárias, da área da enfermagem, de uma Instituição de Ensino Superior em uma cidade Sul Mineira sobre o conhecimento acerca do HPV, 61 participantes marcaram que a transmissão ocorre por contato genital-genital, prevalecendo uma porcentagem de 83,56%<sup>18</sup>.

A maioria das participantes, ou seja, 89% tinham conhecimento sobre a vacina contra o HPV e 11% não tinham conhecimento. E ainda, 60% haviam sido imunizadas. Logo, esse dado reflete nas campanhas de vacinação que têm efeito sobre o conhecimento da população e, ainda, por ser um grupo de participantes jovens, existe a possibilidade de terem experiência anterior de serem vacinadas durante a adolescência, o que aponta uma atitude/prática positiva frente a prevenção do CCU.

Em estudo realizado com 73 universitárias de uma Instituição de Ensino Superior Sul Mineira, apontou-se que 97,96% delas tinham breve conhecimento a respeito da vacina através de TV/Rádio, entre outros meios de comunicações<sup>18</sup>.

Destacou-se que 86,2% das 123 participantes, relataram que a vacina tem o propósito de prevenir câncer do colo uterino, 7,3% que sua finalidade era para prevenir sífilis, 4,9% alunas responderam que não têm conhecimento sobre o que a vacina previne e 1,6% não quiseram responder<sup>11</sup>.

Em relação as atitudes das participantes frente a prevenção do CCU, avaliou-se o período em que essas procuram a UBS para realizar o preventivo. Os resultados demonstram que 12% procuram quando sentem algum sintoma, 57% procuram com periodicidade de 1 ano, e 31% nunca procuraram a UBS para fazer o preventivo.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

Em um estudo similar realizado no interior do estado de São Paulo, com 123 entrevistadas, observou-se que 54,5% universitárias fazem o preventivo anualmente e 35,0% nunca fizeram o exame, 5,7% das universitárias realizam o exame semestralmente e 4,8% universitárias fazem a cada 2 anos<sup>11</sup>.

Quando questionadas sobre suas impressões acerca do exame, obteve-se as seguintes respostas: 49% acreditam que o exame seja necessário, 41% acham importante e, conseqüentemente, realizam e 10% incentivam outras mulheres a realizarem o exame.

Em um estudo similar realizado em uma IES do interior paulista constituída por 149 acadêmicas, apontou-se que 56,3% universitárias acham o exame essencial, 40,1% acreditam que o exame seja importante e 3,5% não responderam<sup>10</sup>.

Sobre a periodicidade do exame, 91% participantes responderam que devem ser realizados anualmente e 9% responderam que não.

Em outro estudo, realizado com acadêmicas com idades similares ao apresentado, obteve-se resultados equivalentes, os quais 88% das acadêmicas não realizaram o teste. De acordo com o protocolo recomendado pelo Ministério da Saúde, 12% relatam que fizeram dentro do protocolo<sup>10</sup>.

De 105 participantes, apenas 62,9% já haviam realizado o exame preventivo, sendo que 43,8% haviam realizado há um ano. A maioria das participantes, ou seja, 91 (90%) descreveram o exame caracterizado por incômodo e, uma pequena porcentagem, 10% das acadêmicas descreveram como dolorido.

Sabe-se que o exame ginecológico difere de outros exames de partes diversas do corpo, pois pode-se gerar ansiedade frente a exposição da intimidade da mulher, o que pode estar relacionado a queixa de dor ou desconforto. Há ainda que se ressaltar a importância da delicadeza e destreza do profissional ao realizar o posicionamento do espécúlo e a coleta do material para o exame.

Em outro estudo desenvolvido com acadêmicas equivalente a este, no qual foram abordadas 149 acadêmicas de enfermagem localizada no interior paulista, porém, somente 108 dessas acadêmicas descreveram o que sentiam ao realizar o exame ginecológico. Logo 16,66% disseram ser confortável, 10,18% das alunas afirmaram ficar constrangidas, 1,85% constrangida e desconfortável, 0,98% constrangida e com dor, 4,62% constrangida, desconfortável e envergonhada, 18,51% desconfortável, 3,70% desconfortável e envergonhada, 0,98% desconfortável e segura, 15,74% envergonhada, 3,70% não respondeu, 0,98% natural e confortável, 1,85% normal, 18,51% protegida, 1,85% protegida e envergonhada<sup>10</sup>.

No que tange a impressão sobre o exame, 41% das participantes acham importante e fazem, 48,6% acham necessário e 10,5% incentivam outras mulheres a realizá-lo.

Sobre a prática das participantes referente ao tratamento realizado após o preventivo e sua necessidade para seu caso, 47% das universitárias nunca precisaram fazer tratamento a partir do resultado, e que 37% responderam que não realizaram algum tratamento e 16% disseram que precisaram fazer algum tratamento. Ao questionar sobre a realização do tratamento 28% das universitárias afirmaram que fizeram o tratamento completo e 72% disseram que não fizeram o tratamento completo.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

Ademais, a partir de um outro estudo realizado com 123 universitárias, demonstrou-se que 4,1% das alunas já realizaram algum tipo de tratamento com ajuda de um profissional, 0,8% realizou um tratamento por conta própria e 95,1% nunca realizaram nenhum tratamento a partir do exame preventivo. O que denota que ainda tem dificuldades de seguir as orientações do profissional de saúde para um tratamento efetivo<sup>11</sup>.

Desta forma, os resultados apontaram que mulheres jovens cursando o ensino superior ainda apresentam déficit de conhecimentos sobre a prevenção do CCU, apresentam atitudes positivas em sua maioria ao procurar a UBS anualmente para prevenção e tem uma prática ainda inapropriada quando ao tratamento de infecções que podem acometer a genitália feminina, ou lesões precursoras de CCU em momento oportuno e de forma adequada.

Este estudo apresenta como limitações ser desenvolvido em apenas um centro universitário do interior do estado do Rio de Janeiro e aponta necessidade de novos estudos em outros centros e com a população universitária diferenciada para auxiliar a traçar novas estratégias de enfrentamento e controle do CCU.

### CONCLUSÃO

Frente aos resultados da pesquisa com 105 acadêmicas do sexo feminino, que não são da área da saúde, sobre os conhecimentos, atitudes e práticas acerca da prevenção do câncer do colo uterino, pode-se concluir que há necessidade de realizar ações educativas voltadas para a saúde da mulher que visam levar conhecimento sobre o assunto, como prevenção do câncer do colo uterino através do diagnóstico precoce, além de outras ISTs que pode ser um fator de risco para a patologia em questão.

No estudo, obteve-se resultados positivos, como por exemplo: a maioria das acadêmicas têm conhecimento sobre o exame preventivo; um número significativo acarretava um breve conhecimento acerca do HPV e tinham ciência da prevenção da doença através da imunização, a qual a maior parte relata ter sido imunizada; porém, em contrapartida, temos os resultados negativos, como: uma porcentagem significativa das acadêmicas não terem conhecimento acerca do propósito do exame preventivo ou não saberem o que significa a sigla HPV.

Em relação a atitudes das acadêmicas, observou-se, portanto, que a maioria das universitárias acham o exame necessário; todavia, apesar de reconhecerem a importância, nem todas realizam o exame, representando um número significativo. Ademais, sobre a prática quando abordadas sobre a necessidade do tratamento, destacam-se participantes que não realizam o tratamento adequadamente.

Evidenciou-se a importância de ações educativas em saúde para a mulher em todos os cenários. No campo de atuação da enfermagem estão atividades de educação em saúde que visam levar informações sobre as medidas preventivas e seu impacto positivo frente ao diagnóstico precoce e tratamento eficaz na rede de saúde.

No ambiente universitário, caracteriza-se como *mister* tornar prática cotidiana a orientação sobre cuidados preventivos, pois se faz representar por um público jovem com vida sexual ativa, tornando-se



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

necessária a educação em saúde da mulher para a melhoria dos níveis de conhecimentos, atitudes e práticas em relação à prevenção do CCU.

### REFERÊNCIAS

1. Instituto nacional do câncer. Estatísticas de câncer. 2020 [2021 jun 25]. Available from: <https://www.inca.gov.br/numeros-de-cancer>
2. Instituto nacional do câncer, Conceito e Magnitude. 2019 [cited 2020 mar 19]. Available from: <https://www.inca.gov.br/controlado-cancer-do-colo-do-utero/conceito-e-magnitude>.
3. Costa JHG, Souza IRA, Santos EJA, Prazeres BAP, Andrade ML, Melo MFC, *et al.* Prevenção do câncer de colo uterino em comunidades ribeirinhas atendidas pelo Programa Luz na Amazônia, Estado do Pará, Brasil. *Rev Pan-Amaz Saude*; 2011;2(4):17-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232011000400003>.
4. Instituto nacional do câncer. Perguntas frequentes: Existe vacina contra o HPV?. 2019 [cited 2020 sep 03]. Available from: <https://www.inca.gov.br/perguntas-frequentes/existe-vacina-contra-o- HPV>.
5. Narchi NZ et al, Enfermagem em saúde da mulher: Prevenção e controle do câncer de colo uterino. Barueri (SP); 2013.
6. Pereira JD, Lemos MS. Preditores motivacionais de adesão à prevenção do câncer do colo uterino em estudantes universitárias. *Estud. psicol. Campinas*; 2019;36. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e170073>.
7. Bezerra MLR, Faria RPR, Jesus CAC, Reis PED, Pinho DLM, Kamada I. Aplicabilidade da Teoria do Déficit do Autocuidado de Orem no Brasil: uma revisão integrativa. Brasília. *J ManagPrim Health Care*. 2018;9. DOI: <https://doi.org/10.14295/jmphc.v9i0.538>
8. Who Library Cataloguing-in-Publication Data. Advocacy, communication and social mobilization for TB control: a guide to developing knowledge, attitude and practice surveys. Switzerland; 2008 [cited 2020 jan 17]. Available from: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43790/9789241596176\\_eng.pdf;jsessionid=642652FF7E1481CD7BAD4D49071D0AA9?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43790/9789241596176_eng.pdf;jsessionid=642652FF7E1481CD7BAD4D49071D0AA9?sequence=1).
9. Lima ABC, Fiorin BH, Romero WG, Lopes AB, Furieri LB, Lima EFA, *et al.* Construção e validação do questionário de conhecimento, atitude e prática na doação de órgãos. *Enferm. foco*. 2020;10(7):90-95. DOI:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n7.2341>.
10. Carvalho BA, Silva JCM, Falavigna MF, Silva MF, Frazilli RTV. Exame papanicolau: percepção de acadêmicas de enfermagem do Vale do Paraíba. *Revista REENVAP*. Lorena (BR); 2015 [cited 2019 nov 20]; 1(8). Available from: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/REENVAP/article/view/38>.
11. Balduino J, Costa LAR, Souza TA. Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem sobre o câncer do colo uterino e do exame papanicolaou [trabalho de conclusão de curso]. Lins (SP): Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium; 2016. 84 p.
12. Carneiro CPF, Pereira DM, Pereira AT, Santos GAS, Moraes FAZ, Duarte RFR. O papel do enfermeiro frente ao câncer do colo uterino. *Rev. Eletr. Acervo Saúde*; 2019;35. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e1362.2019>.



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE  
 PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO  
 Renata Martins da Silva Pereira, João Vitor Jaconi Conceição, Sabrina Alves Queiroz,  
 Severina Rodrigues da Silva, Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira

13. Brasil. Ministério da Saúde. Doenças de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis. Brasília (DF); 2020 [cited 2020 sep 04]. Available from: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>
14. Giraldo PC, Silva MJPM, Fedrizzi EN, Gonçalves AKS, Amaral RLG, Eleutério Junior J et al. Prevenção da Infecção por HPV e lesões associadas com o uso de vacinas. DST – J bras Doenças Sex Transm; 2008 [cited 2020 apr 14]; 20(2):132-140. Available from: <http://www.dst.uff.br/revista20-2-2008/9.pdf>.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Protocolos da atenção básica: saúde das mulheres. Brasília (DF); 2016 [cited 2020 aug 19]. Available from: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos\\_atencao\\_basica\\_saude\\_mulheres.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf).
16. Torres ESG, Nascimento BS, Faria G, Luz GS, Betin TA. Conhecimento sobre HPV e Câncer de Colo de Útero entre estudantes do ensino superior de uma faculdade no município de Cacoal-RO. Rev. Cient da Fac Educ e Meio Ambiente. 2019;10(1):11-16. DOI: <https://doi.org/10.31072/rcf.v10i1.744>
17. Silva IPC, Discacciati MG. Conhecimento dos estudantes universitários sobre o câncer do colo uterino e infecção pelo Papillomavírus Humano. J Health Sci Inst. 2013;31(4):351-54 [cited 2020 mar 20]. Available from: [https://unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2013/04\\_out-dez/V31\\_n4\\_2013\\_p351-354.pdf](https://unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2013/04_out-dez/V31_n4_2013_p351-354.pdf).
18. Lima N, Silva L, Matias R. Conhecimento de Universitárias Sobre o HPV. IX Congresso de iniciação científica da FEPI; 2018. Itajubá, MG, Brasil.